

## Prefácio.

# Raul Leal: O Arquivo da Vertigem

RUI LOPO

Autor de uma extensa obra inédita, participante de alguns dos mais importantes movimentos culturais do século XX português, Raul Leal (1886-1964) apresenta uma obra de teatro, crítica musical, literária e plástica, poesia e filosofia de difícil classificação. Entre 1908 e 1913 publica *A situação do Estudante em Portugal*, *A Interpretação da Apassionata de Beethoven por Viana da Mota*, e a *Liberdade Transcendente*. Uma leitura apressada faria pensar que estamos apenas perante um crítico, um pensador de índole política ou um teorizador do conceito metafísico de *liberdade*, ferozmente criticado por Leonardo Coimbra nas páginas de *A Águia*. A sua participação em *Orpheu* com a novela *Atelier* e em *Centauro* com *A aventura de um Satyro ou a morte de Adónis* faria pensar que estamos perante um cultor do conto simbolista, leitor de Huysmans, Balzac e Wilde. Mas Leal surpreende o seu leitor constantemente.

A celebridade que o caso de *Sodoma Divinizada* lhe valeu e o facto de ter sido editado e defendido das críticas por Fernando Pessoa tem impedido a sua leitura desligada desse episódio. Na geração que lhe sucedeu, vários reconheceram-no como um pioneiro do modernismo em Portugal. Convidam-no para a *Presença*, mas a consagração que lhe era devida foi por si mesmo sabotada pela publicação do provocante texto *A Virgem Besta*, que contribuirá para uma controvérsia entre o corpo editorial e o seu futuro afastamento do projecto coimbrão. Nessa revista divulgou ainda alguma da sua poesia em língua francesa, os *Psaumes*, que parecem antecipar a linguagem da *abjecção*, que uma geração mais tarde o fará ser de novo reconhecido e integrado no grupo de segunda vaga surrealista do Café Gelo e da sua revista *Pirâmide*, onde volta a editar excertos destes para-bíblicos poemas de língua francesa. Pelos mesmos anos em que Luis Pacheco lhe reedita a *Sodoma Divinizada*, na sua Contraponto, colabora com o grupo do *Tempo Presente*, onde revela alguns dos seus textos éditos dispersos mais emblemáticos como *As tendências orfaicas e o saudosismo* ou a peça de teatro de um género novo, que designamos

como antecipação autobiográfica *O Incompreendido*. Apesar de a publicar tardiamente data-a de 1912. O seu conteúdo apresenta o personagem principal como um jovem filósofo, autor de uma proposta teórica inovadora que é vítima de uma incompreensão social tal que o coloca às portas da loucura.

Grande epistológrafo por divulgar, correspondeu-se profusamente com Marinetti e Aleister Crowley, Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, Adolfo Casais Monteiro, José Régio e João Gaspar Simões, Jorge de Sena, Álvaro Ribeiro e António Quadros. Raul Leal ou participou ou dialogou com o primeiro e o segundo modernismo, com o futurismo, com o saudosismo, com a *filosofia portuguesa* e com o surrealismo: a todos ia anunciando a sua teorização, rica em antíteses, arredia a definições, explosiva de *ismos* e superadora de quaisquer parcelaridades: vertiginica, fusionista, paracletiana.

Raul Leal viu na *poética da expressão*, anunciada por Régio e outros presencistas, uma oportunidade para apresentar a sua proposta de uma *hiperestética*. Passou pelo grupo de *Portugal Futurista* propondo um manifesto original baseado na interpretação da Obra dos artistas plásticos portugueses, como Santa-Rita Pintor, defende a imbricação de todas as artes e procura atribuir ao futurismo uma dimensão metafísica, desligada da sua coeva neofilia tecnocientífica, de que se afasta decididamente. Aliás, denunciou na revista *Contemporânea* a *Derrocada da técnica* em sua unilateralidade omniabsorvente. Aí, sempre a par de Pessoa, entende o *contemporâneo* não como uma escola estética ou um período artístico, mas como uma atitude mental que em si integra, contém e sintetiza o romântico, o clássico e o moderno, sem os anular em suas contradições e entreacções. Irá propor em política a *fusão absoluta de todas as ideologias* e procurará levar a heteronímia a um novo patamar de radicalidade. *Sentir tudo de todas as maneiras* seria insuficiente para este pensador que queria *ser tudo* em Vertigem, entendendo todas as correntes filosóficas não como processuais etapas que se pudessem superar, mas como instâncias necessárias do nosso espírito que em todas se aglutina, dá, ocorre e dissipa.

***Raul Leal: Arte, Filosofia e Vertigem*** apresenta um conjunto de estudos dedicados à Obra de Raul Leal. É visível ainda a pouca acessibilidade dos seus textos dispersos e inéditos, o que levou os autores destes estudos a percorrer arquivos e a repescar textos esquecidos. Este volume surge na sequência da organização do seminário de Filosofia e Literatura e do Grupo de Investigação *Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal*, do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, que promoveu em 2023 a edição do conjunto de dispersos e inéditos *Raul Leal: Leitor de Fernando Pessoa, Leitor de Si Mesmo ou A Criação do Futuro*. Este volume vem assinalar a necessidade de prosseguir o estudo e edição de um pensador desconhecido cuja obra prefigura, contém e acompanha algumas das mais originais criações contemporâneas.

